



THOMAS GEORG REINOLD

PECADO: COMPANHEIRO DE VIAGEM DO CRISTÃO ATÉ QUANDO?.

A large, faded version of the UniCesumar logo, consisting of the circular emblem and the text "UniCesumar" in a light blue color.

UniCesumar

RIO DE JANEIRO

2018

THOMAS GEORG REINOLD

PECADO: COMPANHEIRO DE VIAGEM DO CRISTÃO ATÉ QUANDO?.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Teologia do Centro Universitário
de Maringá (UNICESUMAR).

Área: Teologia Pentecostal
Assunto: Hamartiologia

RIO DE JANEIRO

2018

Dedico este trabalho a Deus, pela sua infinita misericórdia e à minha esposa, por ter me ajudado nessa jornada, com apoio e carinho.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Roney de Carvalho Luiz, coordenador de Teologia (NEaD da Unicesumar), aos mediadores Carlos Felipe Fernandes e Marisa Raquel de Melo Pereira, e ao professor Paulo de Melo Cintra Damião, orientador do TCC, agradeço por dedicarem seus preciosos tempos para que eu pudesse terminar o curso de bacharel em Teologia. Meu muito obrigado a todos vocês.



“O que encobre as suas transgressões nunca prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia.” (Provérbios 28:13 – BÍBLIA, 1995)

RESUMO

Este artigo tem como objetivo mostrar a importância do pecado na vida do cristão e as consequências nefastas que daí advém. É um alerta para que o crente se proteja das investidas do inimigo e das tentações, e que sua vida seja separada para Cristo. O trabalho é de suma importância, pois mostrará o caminho percorrido pelo pecado na vida do ser humano, desde a queda de Adão, e o que precisa ser feito para que o cristão não perca a vida eterna e a presença do Espírito Santo. Levar esse assunto para o seio familiar e disseminá-lo nas aulas da Escola Bíblica Dominical são tarefas inerentes para aqueles que querem ter comunhão com Deus e cumprir a missão de levar o Evangelho aos que ainda não o conhecem.

Palavras-chave: Transgressão. Arrependimento. Santificação. Vida eterna.

1 INTRODUÇÃO

O planeta Terra, suas flora e fauna, o sol e as estrelas, tudo foi criado por Deus, para contemplação de Sua glória. No sexto dia da criação surgiu o homem, obra-prima, imagem e semelhança do criador. A ele, Deus deu duas tarefas básicas: lavrar e cuidar da terra na qual habita. Melhor emprego do que esse, no paraíso? Com certeza não há. Para Adão, somente uma proibição lhe foi imputada e, ao mesmo, Deus lhe deu a livre escolha moral para suas ações, baseadas em suas vontades e desejos.

O artigo discorrerá acerca da trajetória do homem, desde Adão/Eva, a Queda e suas consequências, a redenção em Cristo, bem como a influência do pecado pode fazer com que haja a perda da salvação e a consequente morte espiritual. A contribuição do trabalho ensinará para que os cristãos conheçam o seu passado e, aprendendo com os erros, possam manter-se firmes no caminho ou, se escorregarem, possam retornar ao rumo correto, que os levará ao reino dos céus.

O tema escolhido é de suma importância neste mundo pós-moderno, onde tudo acontece num piscar de olhos, à velocidade de um toque de mãos na tela de um *smartphone*, no controle remoto da televisão, nos teclados e *mouse* do computador. O cristão está inserido nesse contexto, mas não deve se contaminar; precisa, sim, estar atento, ter discernimento do que ocorre à sua volta e, amparado pela Palavra de Deus, tomar as decisões corretas.

Abster-se de pecar não é da natureza humana. Mas de não se contaminar com o mundo hodierno, e santificar-se cada dia, isso faz a diferença. Deus sonda nossos corações, conhece os pensamentos e vê as atitudes que tomamos. A escolha é nossa.

2 O PECADO E SUA TRAJETÓRIA NA VIDA DO CRISTÃO

Deus, na criação do mundo, reflete a sua imagem e semelhança em Adão. Dota-o com as condições necessárias para reinar no Jardim do Éden, e espera que ele cumpra suas tarefas. Desde a eternidade tudo já estava planejado, mas para nós, simples mortais, não conseguimos captar a essência divina, pois seus pensamentos são maiores e seus caminhos mais altos, como anotado em Isaías 55:9.¹

¹ Todas as referências bíblicas citadas são da Bíblia de Estudo Pentecostal (1995).

A grandeza de Deus é muito acima da nossa compreensão limitada. Ficamos indagando porque nós somos a sua obra-prima, criados à sua imagem e semelhança, se somos tão falhos, tão promíscuos, tão violentos, desamorosos, egoístas. Qualquer um, em sã consciência, diria que tem algo errado.

Até poderia ter, mas esse mesmo Deus é longânimo, benigno, misericordioso, distribuidor de graça imerecida (aos nossos olhos). Ele possui um amor ágape, incompreensível por ser algo tão grande. Segundo FERREIRA (2007, p. 216), “do ponto de vista humano, o fato de Deus existir na eternidade passada, distinto da criação e totalmente satisfeito, é testemunho da independência de Deus.”

A origem do pecado remonta logo após o início da criação (Gn 1:1), bem antes do surgimento do homem (Gn 1:26). Em Is 14:12-17 e Ez 28:13-18, chamado de “estrela da manhã”, “filho da alvorada”, “querubim guardião”, Satanás era belo, sábio, poderoso, inculpável, cercado de pedras preciosas. Mas sua soberba de querer ser igual ao Altíssimo, erguer seu trono acima das estrelas de Deus, bem como sua violência e orgulho por causa da sua beleza, fez com que Deus o tirasse do céu e o arremessasse à terra, reduzindo-o a cinzas após fogo consumidor.

Havia liberdade quase absoluta no paraíso do Éden; somente uma regra deveria ser cumprida, e esta já veio com o código penal e a aplicação da lei, no caso de desobediência: “porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás.” (Gn 2:17). Como dizia Arnaldo Cezar Coelho, comentarista esportivo de futebol, “a regra é clara”. Mas o ser humano gosta de desafiar as regras, de se sentir poderoso, soberbo, autoconfiante.

Sete versículos separaram a inocência do casal, quando estavam nus e não envergonhados (Gn 2:24), da “vergonha, do remorso, confusão, culpa e medo” (MacARTHUR, 2014, p. 21), vistos em Gn 3:7. Não tinham como se esconder de Deus. Segundo o Salmo 139, a onipresença de Deus e sua onipotência fazem com que Ele conheça nossos caminhos e entenda nossos pensamentos; não adianta fugir da sua face e nos escondermos. Já dentro do ventre de nossa mãe lá estava Ele nos contemplando; devemos, sim, adorá-lo, louvá-lo e glorificá-lo, pois fomos criados de um modo tão sobrenatural. Peçamos a Ele para que nos sonde o coração, e veja se há um caminho que estamos trilhando que O desagrade; com isso, Ele nos guiará pelo caminho correto, até a vida eterna.

Mais preocupante ainda foram as desculpas dadas por Adão e Eva. Adão culpou a Deus por ter dado Eva como companheira (Gn 3:12), o que é um agravante, ainda mais sabedor que Deus já o havia alertado sobre a árvore a ciência

do bem e do mal (Gn 2:17). Eva colocou a serpente como a responsável pelo engano. O pecado nunca é espontâneo ou momentâneo; ele é o resultado de um processo.

De acordo com Stanley Horton, teólogo pentecostal,

o primeiro pecado da humanidade abrangeu todos os demais pecados: a afronta e a desobediência a Deus, o orgulho, a incredulidade, desejos errados, o desviar outras pessoas, assassinato em massa da posteridade e a submissão voluntária ao diabo (HORTON, 1996, p. 268).

O orgulho é pecado abominável. O homem quer ser independente de Deus, rebelde. Ele se recusa a honrá-lo, e quer ser igual a Ele. Quem fez isso já está condenado a viver no lago de enxofre e fogo.

Outro autor que expõe as consequências do pecado é Millard Erikson, no seu compêndio de Teologia Sistemática. Dentre elas,

encontram-se o desfavor divino, a culpa, a punição e a morte. As mortes física, espiritual e eterna surgem como resultado do pecado. Há também consequências que afetam o pecador individualmente. Entre elas, estão: a escravidão, a fuga da realidade, a negação do pecado, o autoengano, a insensibilidade, o egocentrismo e a inquietude. Esses efeitos sobre o pecador têm também implicações de natureza social, como a competitividade, a falta de consideração pelo próximo, a rejeição da autoridade e a incapacidade de amar (ERIKSON, 2015, p. 580).

Dois atributos de Deus se fazem presentes na criação: misericórdia e justiça. A tradição judaica (*Midrash*) “identifica esses dois atributos como importantes: se o mundo for criado somente com misericórdia, haverá muitos pecadores; se for criado exclusivamente com justiça, ninguém poderá subsistir.” (KARNAL, 2017, p. 18). Ou seja, se Deus deixar o homem utilizar o seu livre-arbítrio, fará o que bem entender e afastar-se-á dEle; no outro, caso se puna quem descumprir a lei, não sobrarão alma vivente sobre a terra.

O ser humano reluta, até o fim, de reconhecer a sua transgressão, o seu pecado, o seu erro. O arrependimento é a questão-chave de todo o processo. Quando o pecador se recusa a se arrepender, sofrerá as consequências de seus atos. Provérbios 28:13 já nos ensina o caminho correto: “O que encobre as suas transgressões nunca prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia.”

Já BERKOUWER (2014, p. 20) escreve que “o coração é como a fonte de onde flui o pecado, e os caminhos do pecado são os que partem do interior para o exterior”. Na opinião de BERKHOF (2012, p. 216), “o pecado não reside nalguma

faculdade da alma, mas no coração, que na psicologia da Escritura é o órgão central da alma, onde estão as saídas da vida”.

O mal não vem de Deus, mas sim do próprio homem. A imputabilidade de Deus é mantida pela Igreja, e quem falar mal de Deus é considerado blasfemo. Como descrito no Catecismo de Heidelberg (URSINO; OLEVIANO; 1563), Deus criou o homem em justiça e santidade, para conhecê-lo, amá-lo, louvá-lo e glorificá-lo (pergunta 6); e a natureza corrompida vem da queda e da desobediência de Adão/Eva, com resultados de concepção e nascimento em pecado (pergunta 7).

BERKOUWER ainda afirma que:

a ira de Deus contra o pecado está no fato de que Ele é atingido profundamente, pois todo pecado é a renúncia do seu cetro, bom e beneficente, pela escolha da autonomia. [...] É o pecado que faz separação entre Deus e o homem (Is 59:2). (BERKOUWER, 2014, p. 34-35).

Tiago, meio-irmão de Jesus, em sua epístola às doze tribos, comenta acerca de tentações (Tg 1:2,12,13), e afirma que “cada um é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência. Depois, havendo a concupiscência concebido, dá à luz ao pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte.” (Tg 1:14-15). Paulo, aos romanos, afirma que “o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus, nosso Senhor.” (Rm 6:23). Sabemos das consequências, existe a opção da vida eterna, por meio de Jesus Cristo, mas, ainda assim, escolhemos fazer o mal; somos como jogadores inveterados, que sempre apostam para ver o que acontece.

Não podemos dizer que somos tentados por Deus, pois Ele a ninguém tenta. Cada indivíduo é tentado pelo seu mau desejo, pela sua vontade de transgredir regras, pois o que é proibido é mais gostoso, mais chamativo, mais prazeroso. Quem não quer aproveitar a gordura do churrasco e o doce recheado, sabendo que ambos fazem mal ao templo do Espírito Santo? Beber algo que contenha álcool, só para ser sociável, provar a droga para ver como ela é? Somos seduzidos e arrastados pelo pecado.

Outro aspecto que o cristão deve atentar, na sua caminhada rumo ao Reino de Deus, é com a sua língua, com o que fala. Murmurações, maledicências, dissensões, fofocas, palavras torpes, mentiras, doutrinas falsas, calúnias, todas elas denotam pecados que impedem a entrada na vida eterna. O cristão deve manter controle de sua língua, mediante ajuda do Espírito Santo. Tiago comenta sobre o tropeço da palavra, exortando que o ser humano deve estar “pronto para ouvir,

tardio para falar, tardio para se irar” (Tg 1:19). A ajuda do Consolador será por meio da sabedoria que vem do alto, “pura, depois, pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos” (Tg 3:17).

Desde Adão e Eva, sabemos o que é erro, transgressão e pecado. Palavras que são sinônimas, quando estamos diante de Deus. Todos nós cometemos erros,

embora não gostemos de reconhecê-los. E seja qual for a dimensão, a intensidade, o alcance e o “formato” do erro, ele sempre vem acompanhado da inquietante e incomoda sensação de que fracassamos, de que somos incapazes, imperfeitos. (OLIVER, 1999, p. 11).

Em adição, podemos sinalizar de que os erros sempre são acompanhados de sentimentos que nos remetem ao desconforto, mal-estar, vergonha do que fizemos e de nos sentirmos ociosos por dentro. Os erros ainda podem ser chamados de “falha, desacerto, tropeção, derrota, desastre, lapso, engano, perda” (OLIVER, 1999, p. 12).

Para vencer e superar os erros, precisamos ter em mente de que somos carnais e falhos. Paulo escreve em Romanos 7:18-20 que nele não habita bem algum, e “porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse faço” (v. 19), colocando o pecado que habita nele como o responsável pela sua conduta. E quando erramos, descobrimos que não somos perfeitos. Ricardo Bitun (2018, p. 159) comenta que, pelo menos em um ponto, Calvino e Armínio, dois teólogos opositores em ideias, concordam: a depravação total do homem. Com a queda de Adão e Eva, a humanidade nasce e vive em pecado. E, sem a ajuda de Deus, não poderá ser salva.

O alcance do pecado é universal. No episódio da mulher adúltera (Jo 8:7), Jesus coloca em xeque as atitudes dos escribas e fariseus, doutores da lei judaica. O pecado não tem gradação, tamanho ou importância. O ser humano quer relativizá-lo, dividindo-o em graves, domésticos, “pequinhos”. Não adianta coser folhas de figueira para esconder nossa nudez. Davi clamou no Salmo 51:3-4 = “meu pecado está sempre diante de mim. Contra ti, contra ti somente pequei”. Ele ainda pede um coração puro e que o Espírito de Deus permaneça nele. Atitudes também podem ser consideradas como pecado; exemplificando, a ira pode ser tão transgressora quanto um assassinato. Um olhar de lascívia ou desejo carnal é pecaminoso como um adultério. Hoje em dia, a facilidade de corpos seminus no carnaval, nas praias ou na televisão potencializa os pecados contra Deus. As concupiscências da carne, citadas em Gl 5:19-21, e os vícios de pagãos (Rm 1:27-31), as pêntadas, de Cl 3:5 e de Cl 3:8, bem como os vícios do ódio e da idolatria, citados por R.N. Champlin

(2013, p. 629-635,640), já nos dão o veredito final – a não entrada no Reino de Deus, aos que as cometem.

Segundo MOSER (2012, p. 90), “o pecado pode esconder-se por trás de comportamentos aparentemente bons, honestos e legítimos, mas que encobrem a presença de Deus em vez de desvelá-la.” Exemplos das parábolas das dez virgens, quando cinco foram imprudentes; do bom samaritano, onde não houve ajuda; dos dez leprosos, quando nove não agradeceram pela cura. Ainda MOSER (2012, p. 90) diz que “o pecado não consiste apenas em fazer o mal, ou omitir o bem; consiste, também, em nem sequer suspeitar de que algo deve ser feito.”

Muitos serão alcançados no fim, por ocasião da segunda vinda do Filho do Homem (Mt 24:37-44). Estarão desatentos no dia a dia, sem imaginar que a qualquer instante algo possa acontecer ou chegar alguém que transformará nossas vidas. A palavra de ordem é vigiar!

Um dos grandes freios e obstáculos para se evitar o pecado é o temor a Deus. Já afirmava Henry Blackaby que

quando você não teme a Deus, também não tem medo do pecado. Há uma relação direta entre a visão acurada acerca de Deus e a visão acurada do pecado. Uma visão deficiente de Deus produz uma percepção deficiente do pecado. Quando não há temor a Deus, não há temor em relação ao pecado. (BLACKABY, 2013, p. 14-15).

O temor de errar passa a ser o medo de que alguém o descubra. Próximo passo é o pavor de que poderá acontecer. Temos o exemplo clássico de Adão e Eva que, ao pecarem, esconderam-se de Deus. Tentaram encobrir os seus erros. Nós temos o mau hábito de ocultar nossos erros ou de culpar o outro por eles. Nossa natureza é pecaminosa e má. Não assumimos nossos erros, e “esquecemos” de que há alguém que tudo vê, tudo sabe, e está sempre presente.

Um exemplo do temor a Deus aconteceu no reinado de Josias, rei em Judá. Ele determinou que todos deveriam andar com o Senhor, e “guardarem os seus mandamentos, e os seus testemunhos, e os seus estatutos, com todo o coração e com toda a alma” (2 Rs 23:3). O Rei Josias conhecia a Palavra de Deus, e se baseou especialmente em Dt 28:15, acerca da maldição que seria imposta ao seu povo, se não cumprisse a lei do Senhor.

Atualmente, o temor a Deus tem se esvaído quase que completamente. Pessoas tem pecado contra a Palavra de Deus com frequência, e não tem arrependimento, apenas remorso. De acordo com a lei mosaica, seriam condenadas à morte por muitas das coisas que são realizadas hoje em dia.

O pensamento dessas pessoas é que, se não são punidas imediatamente por Deus, está tudo bem, e podem continuar a pecar. Quando se diz que se deve voltar a Deus, as pessoas dizem: “Eu sou cristão. Nasci de novo. Fui batizado. Tenho um cargo de liderança na igreja. Vou para o céu quando morrer.” (BLACKABY, 2013, p. 20-21). Não estão preocupadas com o juízo final. Elas desejam apenas curtir a vida e fazer o que quiserem. Em toda ação há uma reação. Quando se comete um pecado, há uma penalidade, um castigo. É infligido por uma autoridade (Deus), de acordo com a sua soberania. Ninguém ficará impune.

O cristão é disciplinado por Deus, e caso persista, Ele pode permitir a sua morte, para que não haja desonra na sua vida. O julgamento ante o tribunal de Cristo será para que cada um receba o que tiver feito por meio do corpo, ou bem ou mal. Os livros serão abertos, galardões serão distribuídos aos que merecerem; aos demais, haverá perdas, que poderão ser da glória e da honra (1 Co 2:7).

Algumas das punições impostas por Deus são consequência do nosso estilo de vida. BERKHOF (2012, p. 237) exemplifica algumas delas: “o preguiçoso cai na pobreza, o ébrio se arruína e a sua família, o fornicador contrai moléstia repugnante e incurável e ao criminoso sobrevém pesado fardo de vergonha”.

3 COMO VENCER O PECADO E SUAS TENTAÇÕES

Qual é o preço a pagar para voltar e consertar nossa aliança com Deus? Provavelmente, nesse momento, já estaremos com separações de corpos e/ou mentes com nossos cônjuges, familiares e amigos/colegas de profissão. Ele é o único que pode nos perdoar, nos redimir e nos salvar. O triunfo de Jesus sobre Satanás foi por meio da cruz (Cl 2:14-15). Ele venceu a morte e as acusações; seu poder foi manifesto por meio da humilhação.

Para alguns, a consequência do pecado é a morte. Para os que estão no fundo do poço, ou em depressão, só há uma saída: Jesus Cristo. As suas misericórdias são o que nos sustentam (Lm 3:22). Deus tem uma obra grande na nossa vida. Devemos nos arrepender, nos humilhar, e exaltar e louvar seu santo nome. Entregar a Ele o controle total da nossa vida.

Silas Malafaia (2008, p. 41-58) cita quatro princípios fundamentais para que a aliança entre Deus criador e sua obra-prima decaída seja sustentada: a obediência, a santidade, a fidelidade e a comunhão com Deus. A obediência é “a maior prova de fé e a mais significativa expressão de adoração e de serviço a Deus” (p.41). Em Js

1:8 o Senhor fala a Josué sobre meditar na lei do Senhor diuturnamente, e cumprir o que nela está escrito. Essa é a chave do sucesso. A santidade tem a ver com a pureza do coração, caráter reto e integridade. Em 1 Pe 1:15, Pedro nos lembra que Deus é santo, e nós devemos viver em santidade, pois sem ela não veremos a Deus (Hb 12:14). Já a fidelidade deve ser direcionada somente a Deus, deixando para trás todos os desvios morais e espirituais citados em 2 Tm 3:2-5. A quebra de “promessas e princípios éticos e morais” (p.50) e da confiança, com nossos cônjuges e familiares, nos remete à traição, que causa consequências nefastas ao ser humano, nas áreas psíquica, emocional, espiritual e até física. MALAFAIA ainda nos afirma que

Deus não criou o homem para ser infiel. [...] Quando a aliança de amor com o Pai é quebrada, a comunhão com Deus é abalada, e o inimigo encontra brechas para atacar o cristão, e este passa a ter uma vida de fracassos. (MALAFAIA, 2008, p. 51).

A comunhão com Deus faz com que Ele nos abrace, nos console, nos conceda a paz, nos coloque em seu colo, nos guarde e nos abençoe. E quando erramos, seu amor por nós continua inabalável, inflexível. Devemos nos relacionar com Ele, verdadeiramente. Atenção redobrada para que não nos conformemos com o pecado e nos afastemos dEle.

BERKOUWER (2014, p. 94) afirma que “o homem é limitado e fraco.” A libertação da escravidão do pecado só será feita quando uma força superior modificar a situação, expulsando o senhor do engenho (Satanás), pelo Espírito de Deus, ou fazendo-o em nome de Cristo (Lc 10:17). O “fraco”, citado por Berkower, é o homem que não está debaixo das asas do Altíssimo, que não tem fé, e é impotente aos ataques malignos. Só conseguirá se fortalecer pelos jejum, oração e fé, o que fará o homem resistir ao diabo, e este fugirá dele (Tg 4:7). E a confissão dos pecados a Deus (Jr 3:13), que “é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça” (1 Jo 1:9).

O pecado tem na lei o seu ponto de partida e encontra nela sua base de operação. O conhecimento do pecado se dá pela lei, o que “significa que todo pecado tem a sua norma no mandamento de Deus” (BERKOUWER, 2014, p. 164). Mas existe um dualismo entre a lei e o evangelho, que constituem a revelação primeiro do Deus da ira e, depois, do Deus da misericórdia. Cita BERKOUWER:

Enquanto a lei prega a ira, o evangelho prega a misericórdia do Senhor na salvação dessa ira. Ambos têm assim o seu encontro no estado de perdão do homem, que é revelado pela lei e em seguida coberto pelo Evangelho (BERKOUWER, 2014, p.165-166).

Jesus, em sua pregação, disse: “Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus” (Mt 4:17). O arrependimento e a conseqüente conversão devem ser uma metanoia na vida do cristão. No livro dos Atos dos Apóstolos, estes pregam o Evangelho do arrependimento (At 2:38; 3:19; 17:30). O que os motivou a isso? A cruz salvífica de Cristo.

Quando disse Jesus: “Está consumado” (Jo 19:30), a grandiosa obra da redenção estava completa. Segundo Richard Foster,

sem a cruz, a disciplina da confissão seria terapêutica apenas no âmbito psicológico; é, todavia, muito mais que isso. Envolve uma mudança objetiva em nosso relacionamento com Deus, além de uma mudança subjetiva em nós. É um veículo de cura e de transformação do espírito. (FOSTER, 2007, p. 205).

Para que a nossa confissão atinja o trono de Deus, devemos admitir que cometemos um erro; assumir a responsabilidade por ele; analisar o que ocorreu; avaliar o que podemos modificar na próxima vez; receber o perdão de Deus; colocar o plano em ação e testemunhar o que Deus nos ensinou. Em 1 Co 11:28, Paulo escreve aos coríntios: “Examine-se, pois, o homem a si mesmo.” A confissão deve ser concreta, específica, e não genérica. Deve-se confessar os pecados do coração e da carne. Ela começa com pesar, mas termina em alegria, afirma Foster (2007, p. 215).

Calvino, um dos maiores representantes da Reforma Protestante, mostra duas formas de penitência, distintas entre si:

A uma chamaram “legal” (pela qual o pecador, ferido pelo cautério do pecado e machucado pelo terror da ira de Deus, fica preso, apanhado nessa perturbação, e não se pode desembaraçar dela); e à outra, chamaram-na “evangélica” (pela qual o pecador, realmente aflito gravemente em si mesmo, no entanto eleva-se mais alto e abraça-se a Cristo, medicamento para sua ferida, consolo de seu terror e porto de sua miséria) (CALVINO, 2009, p. 70-71).

Se não houver arrependimento, confissão dos pecados e entregar a vida para quem tem o refrigério, de nada adiantará. Cristo é a única solução, pois é o único caminho para o reino dos céus. O pecador é “incapaz de se voltar a Deus, depende de uma intervenção radical em sua vida, para ser salvo. [...] É preciso que o Espírito Santo intervenha para capacitar o pecador a receber a Cristo” (FERREIRA, 2007, p. 478).

A salvação é um dom gratuito de Deus; nada podemos fazer a esse respeito. É a graça de Deus, como descrito em Jonas 2:9 = “... do Senhor vem a salvação.”

Segundo Norman Geisler, o plano universal da salvação compreende quatro detalhes específicos, observados em Hebreus 11:6 = “Ora, sem fé é impossível agradar-lhe, porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que é galardoador dos que o buscam.” Ou seja,

a) Deus existe; b) não podemos nos salvar da nossa própria pecaminosidade; c) a graça de Deus é necessária para a nossa salvação; d) precisamos crer em Deus e na sua graça para recebermos a salvação (GEISLER, 2015, p. 433).

Parece estranho ainda a dúvida se Deus existe ou não, e o que Ele pode fazer por nós. Se fomos criados por Ele e, depois de convertidos, chamados de filhos, Ele, como Pai, vai querer cuidar de nós. Ainda mais após ter enviado seu único filho para que tivéssemos a oportunidade da salvação. Precisamos, mais do que nunca, ter fé, mesmo do tamanho do grão de mostarda, e acreditar na salvação e a posterior vida eterna. E nos agarrarmos a isso.

A salvação é conjugada em três tempos verbais, segundo Gilmar Chaves (2015, p. 156): a) o cristão foi salvo quando creu, sendo liberto do pecado, purificado, justificado e renascido em Cristo; b) o cristão está sendo salvo, sendo preservado e santificado; e c) o cristão ainda será salvo do pecado, quando for apresentado sem pecado em glória.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo nos faz refletir sobre o pecado e suas nefastas consequências, sendo a mais radical a morte, que pode ser física ou espiritual. Devemos levar a vida em santidade, separada do pecado e afastada da sujeira desse mundo. Essa transformação espiritual e moral amolda-se à imagem de Cristo. Remete-nos, novamente, ao livro dos princípios, quando se vivia em comunhão com Deus.

Entregar nosso coração totalmente a Deus significa deixá-lo governar nossa vida. O velho homem está morto e, juntamente com ele, seus pecados e a religiosidade. Precisamos nascer de novo, reconciliar-nos com quem pode nos salvar, e viver por essa fé. Devemos resistir às tentações e dizer não ao pecado e a tudo que é contrário aos princípios cristãos, citados pelas Escrituras. Devemos ser fiéis até a morte, para que recebamos a coroa da vida eterna. Buscar a Deus e enxergar pela perspectiva dEle; ver no Altíssimo a sua imerecida graça, sua benignidade e seu infinito poder.

A maneira mais eficaz e vitoriosa de combater o pecado é amar a Deus sobre todas as coisas, e o nosso próximo, como a nós mesmos. Somente o amor pode se opor às transgressões; somente ele cobre os pecados e é o único remédio contra ele. Devemos lutar, com todas as armas espirituais dadas por Deus, contra os principados e potestades; não esmorecer, não se acovardar, não abaixar a cabeça diante das dificuldades. Todas estas são para nosso crescimento espiritual, visando a vida eterna, objetivo maior da nossa vida em Cristo.

REFERÊNCIAS

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática** / Louis Berkhof; traduzido por Odayr Olivetti. – 4. ed. rev. – São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

BERKOUWER, G.C. **Doutrina bíblica do pecado** / G.C. Berkouwer; tradução de J.J. Oranje. – 2. ed. – São Paulo: ASTE, 2014.

BÍBLIA. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida, com referências e algumas variantes. Revista e Corrigida (ARC) Edição de 1995. Flórida-EUA: CPAD/Life Publishers, 1995.

BITUN, Ricardo. **Teologia, História e Prática Pentecostal** / Ricardo Bitun. Maringá – PR: UniCesumar, 2018.

BLACKABY, Henry. **Santidade**: o plano de Deus para uma vida abundante; traduzido por Luciana Zibordi. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

CALVINO, João. **A instituição da religião cristã**, Tomo II, Livros III e IV / João Calvino; [tradução do Tomo II, Livro III, Elaine C. Sartorelli; capítulos 1 a 13 e 20 do Livro IV, Omayr J. de Moraes Jr.; capítulos 14 a 19 do Livro IV, Elaine C. Sartorelli]. – São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CHAMPLIN, R.N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**, volume 6. São Paulo: Hagnos, 2013.

CHAVES, Gilmar Vieira. **Temas centrais da fé cristã**: uma introdução à doutrina bíblica. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2015.

ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática** / Millard J. Erickson; tradução de Robinson Malkomes, Valdemar Kroker, Tiago Abdalla Teixeira Neto. – São Paulo: Vida Nova, 2015.

FERREIRA, Franklin. **Teologia sistemática**: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual / Franklin Ferreira e Alan Myatt. – São Paulo: Vida Nova, 2007.

FOSTER, Richard J. **Celebração da disciplina**: o caminho do crescimento espiritual / Richard J. Foster; tradução Marson Guedes. – 2. ed. – São Paulo: Editora Vida, 2007.

GEISLER, Norman. **Teologia Sistemática**; tradução Marcelo Gonçalves e Degmar Ribas. – 2. ed. – Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

HORTON, Stanley M., ed. **Teologia Sistemática...** / Stanley M. Horton. 1. ed. – Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

KARNAL, Leandro. **Pecar e perdoar**: Deus e o homem na história / Leandro Karnal. – 2. ed. – Rio de Janeiro: HarperCollins, 2017.

MACARTHUR, John. **Uma vida perfeita**: Tudo o que a Bíblia revela sobre Jesus, de Gênesis a Apocalipse / John MacArthur; tradução Markus Hediger. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2014. 576 p.

MALAFAIA, Silas. **Bençãos de Deus para que você não seja derrotado**. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2008. 64 p.

MOSER, Antonio. **O pecado**: do descrédito ao aprofundamento / Antonio Moser. – 5. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

OLIVER, Gary J. **Como acertar depois que errou** / Gary J. Oliver; tradução de Myrian Talitha Lins. – Belo Horizonte: Betânia, 1999.

URSINO, Zacarias; OLEVIANO, Gaspar. **Catecismo de Heidelberg** (1563). Disponível em <http://www.monergismo.com/textos/catecismos/catecismo_heidelberg.htm>. Acesso em 31 out. 2018.